

SUINOCULTURA LOCAL NO NORDESTE BRASILEIRO

Silva Filha, O. L.¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Iniciar um trabalho de caracterização morfológica e de sistema de produção dos suínos locais no Nordeste brasileiro foi um grande desafio do ponto de vista técnico-científico e operacional, além de uma oportunidade de encarar a realidade vivida pelos criadores desses animais e poder confirmar a **urgente necessidade de pesquisas que possibilitem aprofundar o conhecimento dos recursos genéticos suínos locais ainda existentes, sua importância econômica, sociocultural e como precioso patrimônio genético para a região.** São informações fundamentais para o planejamento de sua preservação e/ou conservação.

Nos países em desenvolvimento, as iniciativas orientadas para promover a sustentabilidade agrícola e animal são muito recentes. Os enfoques das políticas de promoção do desenvolvimento sustentável estão, de forma quase generalizada, assentada no encorajamento para uma agricultura que promova a biodiversidade e provoque o mínimo impacto ambiental possível.

Muitas famílias de países subdesenvolvidos e em desenvolvimento dependem diretamente de espécies genéticas animais e da biodiversidade do ecossistema para os seus sustentos. Em muitas regiões, os recursos genéticos animais (RGA) se constituem em um componente vital desta biodiversidade, onde milhões de pessoas dependem de seus animais para prover parte, ou suas necessidades diárias completas. Esses sistemas de produção, especialmente os situados em regiões com importantes restrições ambientais e socioeconômicas, em função de suas deficiências precisarem ser supridas rapidamente, requerem que os RGA sejam flexíveis, resistentes e diversos.

Este trabalho é pioneiro na região e é o começo de uma longa caminhada de pesquisas e descobertas a respeito dos suínos locais na região Nordeste brasileira, em busca de sua conservação. Iniciou-se em um dos Estados nordestinos, a Paraíba, na microrregião do Curimataú Paraibano. Temos um projeto envolvendo, a princípio, quatro Estados nordestinos: Alagoas (AL), Pernambuco (PE), Piauí (PI) e parte da Bahia BA. Este projeto tem a função de continuidade dos trabalhos iniciados na PB e assim, espera-se ampliar a pesquisa com os suínos locais no Nordeste brasileiro.

Nos sistemas de criação dos pequenos agricultores paraibanos existe flexibilidade da gestão dos rebanhos e das áreas forrageiras, onde as famílias criam diversas espécies pecuárias, como bovinos, caprinos, ovinos, suínos e aves, em subsistemas, na maioria das vezes, associando-os às disponibilidades agrícolas. Esses rebanhos geralmente são dotados de resistência às adversidades ambientais, à escassez de alimentos e às possíveis enfermidades a que ficam expostos. Realidade esta vivida não só pelos agricultores paraibanos, como também ocorre em todo o Nordeste do Brasil.

Verificou-se através da pesquisa no Estado da Paraíba que, sobre os suínos locais em toda a região Nordeste, praticamente as informações são inexistentes, necessitando esta espécie de cuidados especiais e maior atenção, pois os agricultores quando os possuem são em pequenas quantidades e, se não houverem estudos voltados para a conservação desta espécie, sua extinção será inevitável.

SUINOCULTURA BRASILEIRA

No Brasil, 2006 iniciou sob a influência dos focos de febre aftosa e da abundante oferta das outras carnes a preços baixos, terminando o ano em uma situação bem mais confortável do que se projetava. Apesar do aumento da oferta de carne suína e dos estoques, a queda de 15,5% nos volumes exportados foi, em parte, compensada pelo aumento de 12,4% das vendas no mercado interno, segundo dados da ABIPECS (2007).

A produção que havia retomado o processo de recuperação em 2005 manteve a sua trajetória de expansão em 2006. Essa tendência persiste para 2007, sustentada pelos investimentos em reformas de instalações no campo, pelas ampliações industriais e pela construção de novas granjas e modernas fábricas. Também deram suporte a expansão da produção, os investimentos em garantia da sanidade, na redução do impacto ambiental, na segurança alimentar e no bem-estar animal (ABIPECS, 2007).

Discorrer sobre a suinocultura no Brasil torna-se relativamente fácil do ponto de vista comercial, quando se observa através da produção e exportação mundial de carne suína, que é a mais produzida e mais consumida no mundo, tornando-se uma das mais importantes fontes de proteína animal, tendo como os maiores produtores mundiais: China, União Européia,

¹Zootecnista. Rede XII-H da CYTED (Rede Iberoamericana de Conservação de Recursos Zoogenéticos), UNEAL / ESSER, Curso de Zootecnia, Santana do Ipanema/Alagoas, Brasil.

Estados Unidos, Brasil e Canadá. No Brasil, concentrando-se nas regiões Sul e Sudeste, apresenta uma cadeia produtiva moderna, igualável aos países desenvolvidos, geralmente gerenciados pelas agroindústrias processadoras de carne.

A estimativa de produção total (industrial e de subsistência) de carne suína para 2006 e 2007 no Brasil, segundo os dados de Embrapa Suínos e Aves (2006), é de 2.884,9 e 2.987 mil toneladas, respectivamente. Desse total, a estimativa de produção de carne suína de subsistência para os mesmos anos é de 393 e 390 mil toneladas, respectivamente. Já a industrial a estimativa é de 2.491 (2006) e 2.597 (2007) mil toneladas. A produção industrial representa 86,9% da produção total no País e a de subsistência, apesar de menor numericamente, com 13,1%, se concentrando também nas regiões Sul e Sudeste, é bastante representativa e significativa para a população que a produz, tendo importância comercial para o Brasil.

A suinocultura é uma atividade com predomínio em pequenas e médias propriedades rurais brasileiras, sendo que 81,7% dos suínos são criados em unidades de até 100 hectares. A atividade encontra-se presente em 46,5% dos 5,8 milhões de propriedades existentes no país, empregando mão-de-obra familiar, constituindo importante fonte de renda e um dos fatores de estabilidade social no meio rural (Anualpec, 2001).

A cadeia produtiva de suínos no Brasil apresenta um dos melhores desempenhos econômicos no cenário internacional, com um aumento expressivo nos volumes e valores produzidos e exportados. Esse desempenho se deve aos avanços tecnológicos e organizacionais nas últimas décadas (Miele e Machado, 2006).

A região Nordeste detém um rebanho muito grande, com 8,75 milhões de cabeças, o que correspondem a 23% do total do Brasil, segundo dados do IBGE (2003), e tem uma importância social e econômica expressiva para os Estados desta região.

Os diversos agentes que compõem a cadeia produtiva da suinocultura nacional têm discutido a necessidade de implementar mecanismos de coordenação para adequar os volumes ofertados à demanda interna e externa. Um desses mecanismos é a geração, disponibilização e utilização de dados e informações acerca da produção atual e futura de suínos para o abate e de carne suína para o consumo interno e a exportação (Miele e Machado, 2006).

O levantamento sistemático da produção e abate de suínos (LSPS) é, conforme Miele e Machado (2006), uma pesquisa de previsão e acompanhamento conjuntural da suinocultura brasileira, que tem como objetivo fornecer estimativas dos abates e da produção de carne suína, a partir do alojamento de matrizes, da sua produtividade e do peso médio da carcaça. Observando que o processo adotado leva em conta a estrutura organizacional predominante em cada região, porém, para as principais regiões produtoras de suínos.

Os dados para o LSPS somente se encontram disponíveis em suinoculturas desenvolvidas ou industriais, o que demonstra a sua importância para estes suinocultores. Entretanto, em relação à suinocultura de subsistência faltam dados para nortear uma pesquisa que dê suporte a esta atividade, conseqüentemente, à população que dela depende.

Segundo Miele e Machado (2006) os plantéis de matrizes de subsistência estão em processo de encolhimento. Conforme os dados da ABIPECS (2007), o alojamento de matrizes se aproximou dos 2,46 milhões de cabeças, 117 mil matrizes a mais do que em 2004. Neste período, a participação do plantel industrial (com produtividade média ao redor de 20 suínos terminados/matriz/ano) passou de 58% para 62% do total alojado, devendo em 2007 superar 64%. Isto indica que o processo de modernização da produção tecnificada vem se acelerando em detrimento da produção de subsistência, que por força das exigências de qualidade e segurança alimentar, perde competitividade e mercado (ABIPECS, 2007).

No sistema de produção de subsistência, continuará uma redução entre 5 e 10% ao ano, dependendo da região brasileira. Enquanto que em 2002 representava 33,2% da produção nacional, estima-se que em 2007 não representará mais do que 18% do total produzido. Nas regiões Sul e Sudeste há uma redução mais acentuada, enquanto que, nas demais regiões, ainda terão significativa importância, afirmam Miele e Machado (2006). Segundo estes mesmos autores, alegam que a dificuldade de suprimento de insumos e de reprodutores, a baixa produtividade, os custos mais altos e a escala sem competitividade são as variáveis que explicam o gradual desaparecimento desse sistema de produção.

A suinocultura de subsistência possui interferência direta na vida da população que a produz e automaticamente se beneficia dela. Quando se trata desta atividade, já não se torna tão fácil uma análise mais profunda, pela falta de dados e informações, especialmente em função da alta expressividade da produção industrial brasileira encobrindo a importância da suinocultura de subsistência; pela ausência de pesquisas e pela pequena preocupação dos órgãos públicos e de fomento à pesquisa com estes animais.

Mais da metade da população nordestina depende diretamente do meio rural, o qual apresenta particularidades interessantes a serem estudadas, como a identificação do efetivo suínico local ainda existente. Sabe-se que os suínos locais são grandes agregadores de riquezas e precursores de desenvolvimento regional, pois reúne sua fácil adaptabilidade às adversidades do meio, utilizando os alimentos oferecidos pelo ecossistema natural, transformando-os em proteína de alta qualidade.

CARACTERIZAÇÃO DA CRIAÇÃO DE SUÍNOS LOCAIS

Subsistemas de Produção

Unidades produtivas familiares se tornam complexas por serem compostas de uma combinação de sistemas, necessários às produções praticadas, animal e/ou vegetal. Dentro de cada unidade produtiva familiar, entende-se por subsistemas de produção esta combinação dos sistemas produzidos.

A criação animal na microrregião do Curimataú, Estado da Paraíba, é praticada por quase todas as pequenas unidades produtivas familiares, mesmo que essa criação signifique de uma a três cabeças manejadas na corda (Japiot, 1995).

A pequena propriedade rural ou situada nos municípios genuinamente rurais, em geral, apresenta uma combinação dos subsistemas, como exemplo, uma criação de suínos amarrados na corda e pequenos plantéis de aves. Conforme Sidersky (s/d) é muito difícil encontrar unidades familiares de apenas um subsistema. E, em alguns casos, os espaços podem fazer parte, simultaneamente, de mais de um subsistema: as capoeiras, que são fonte de lenha e madeira e, ao mesmo tempo, fonte de forragem para os rebanhos; um roçado de milho e feijão faz parte do subsistema das culturas anuais, mas, concomitantemente, fornece alimentação para os rebanhos.

Estes subsistemas se combinam de maneira diferenciada em função de diversos critérios utilizados pelas famílias produtoras.

Em relação à criação de suínos locais no Curimataú, a predominância das culturas anuais ou perenes, favorece a criação destes animais com as sobras ou perdas das culturas vegetais. E um dos critérios que determina a forma em que os subsistemas se combinam, segundo Sidersky (s/d), é o socioeconômico.

Suinocultura de Subsistência

Na região Nordeste, onde mais da metade da população depende do meio rural, a suinocultura de subsistência, com os devidos cuidados zootécnicos e ambientais, pode se tornar uma atividade ecológica e, futuramente, com alto valor agregado. Para fundamentar este pensamento considera-se a afirmação de Delgado (2005), de que a pecuária ecológica integra todas as atividades que têm como finalidade a produção de alimentos de origem animal sem empregar substâncias químicas artificiais, nem organismos modificados geneticamente (OMG), evitando a deterioração do ambiente e assegurando o bem-estar animal.

Portanto, as famílias produtoras dos suínos locais, também chamados de suinocultura de subsistência, respeitando os sistemas ecológicos e observando que todas as criações animais fazem parte dos subsistemas utilizados, teriam melhores

condições de promover uma criação animal, com maior equilíbrio ambiental, além de uma sócioeconomia mais estável, oriunda do valor agregado ao produto ecológico.

Machado (1967), em seus estudos sobre suinocultura brasileira, já reconhecia serem precárias as produções dos suínos nativos, mesmo enfatizando a enorme rusticidade. Salientava, ainda, a necessidade de se buscar combinações de cruzamentos para obter animais capazes de reproduzir e produzir adequadamente.

Na escolha das raças ou grupos genéticos, deve-se ter em conta a capacidade de adaptação dos animais às condições locais, a sua vitalidade e a sua resistência às doenças, pelo que se deve dar preferência aos nativos (Rodrigues, 2003). Concordando, Delgado (2005) afirma que as raças que melhor se adaptam aos sistemas ecológicos são as nativas, selecionadas pela sua rusticidade e adaptação a diversos ecossistemas, raças fortemente integradas na cultura e meio natural das regiões.

É difícil convencer os produtores que os animais que são vistos como inferiores constituem-se, de fato um valioso recurso genético. Entretanto, para que este convencimento ocorra, há necessidade da dissolução dos mitos e que as informações técnicas e de «marketing» da carne sejam agregadas ao valor final dos produtos no mercado. Para tanto, as campanhas públicas de conscientização são necessárias no apoio às atividades de conservação e biodiversidade local, tornando-se uma questão fundamental no processo.

CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA

No Nordeste brasileiro, ainda são encontradas populações de suínos, oriundos daqueles trazidos pelos colonizadores. Apresentam pelagem, tamanho e características morfológicas diversas, são rústicos e muito menos exigentes em alimentação e manejo que os das raças melhoradas (Carvalho, 2000).

A caracterização morfológica dos suínos locais na região do Curimataú Paraibano foi um trabalho pioneiro. Ressaltam-se aqui, dois aspectos de grande importância:

a) a contribuição socioeconômica destes animais para os seus criadores;

b) a preocupação com a diluição genética que, ao longo dos anos, as populações de suínos locais vêm sofrendo, podendo inclusive não existir mais, em muitas regiões, os suínos das raças nacionais e sim agrupamentos genéticos ainda desconhecidos que, podem estar formando novas raças.

Foram realizadas (1) análises biométricas, através das variáveis: comprimentos da cabeça, focinho, orelha, pescoço, garupa, pernil e do corpo; larguras da cabeça, focinho, orelha, peito, entre as escápulas e da garupa; distância inter-orbital; alturas: perna, dorso, cernelha, garupa e inserção de cauda; perímetros: torácico, abdominal e canela; (2) do exterior desses animais e (3) dos índices zoométricos.

Os agrupamentos populacionais dos suínos da região do Curimataú Paraibano diferiram no formato corporal, sendo os animais provenientes de Tacima os maiores, seguidos dos de Cuité e Barra de Santa Rosa, enquanto os animais da região de Remígio foram menores. Contatou-se com a dispersão dos agrupamentos populacionais dos suínos no Curimataú Paraibano, distribuídos nos quatro municípios, que os suínos encontrados em Cuité se mantiveram bem distantes dos demais, diferenciando-se em conformação corporal, seguidos dos de Tacima e dos de Remígio e de Barra de Santa Rosa, sendo que estes dois últimos municípios se aglomeravam, os animais eram mais parecidos entre si (Figura 1).

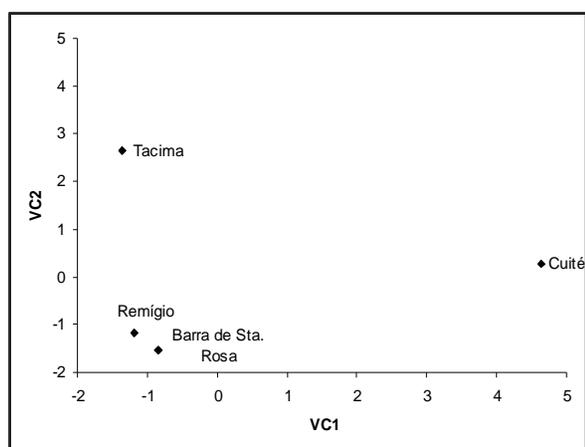


Figura 1. Dispersão dos municípios com base nos escores médios das duas primeiras variáveis canônicas (VC1 e VC2).

CARACTERIZAÇÃO DO EXTERIOR DOS SUÍNOS LOCAIS

Os resultados obtidos da distribuição de frequência relacionados ao exterior dos animais para as variáveis perfil cefálico e tipo de orelha indicaram que os animais estudados, em sua maioria, possuíam um perfil cefálico subconvilíneo, se destacando com 58,7%. Os do tipo de orelha ibérico e céltico representaram 47,3% e 30%, respectivamente. Ao comparar estes resultados às raças nacionais, observou-se que os suínos analisados no Curimataú Paraibano demonstraram semelhança com os animais das raças Canastra, Moura, Nilo, Piau e Tatu. Em relação ao tipo de orelha, verificou-se que existe uma grande variação nas raças nacionais.

Observou-se a presença de cerdas em todos os animais estudados, variando apenas a sua coloração conforme a pelagem do animal. Para esta variável, pode-se verificar alguma semelhança com as raças nacionais Canastra, Canastrão, Caruncho, Monteiro, Moura, Piau e Sorocaba, devido ao fato de todas estas terem cerdas presentes. Já as raças nacionais

Pirapetinga, Nilo e Tatu não possuem cerdas ou são raras para as duas últimas.

Para a variável número de pares de tetas, verificou-se que 5%, 33%, 50% e 11,5% dos animais estudados possuíam 4, 5, 6 e 7 pares de tetas, respectivamente. Quando comparados ao número de tetas das raças nacionais, as raças Piau, Pirapetinga, Nilo, Caruncho, Canastrão e Canastra possuem 5 pares de tetas funcionais, enquanto que as raças Moura e Sorocaba, 6 pares. Portanto observa-se que, em relação a esta variável a metade dos animais estudados converge para as raças com 6 pares, seguido de 33% para as com 5 pares. Não foi encontrada na literatura disponível a distribuição de frequência desta variável para as raças nacionais, dificultando desta forma uma discussão aprofundada a respeito do assunto.

Com relação à variável coloração da pelagem, observou-se grande variação das cores, com maior predominância para a preta, com 36,4%, seguida da categoria manchada, com 27,3%, e esta pode ser vista com diversas combinações de cores diferentes (castanho com manchas brancas ou pretas; creme com manchas preta ou branca ou castanha). Verificando-se para as categorias: branca, creme, castanho, preta com faixa branca e creme com faixa branca uma representação de 0,9%; 8,2%; 14,5%; 11,8% e 0,9%, respectivamente.

Os suínos estudados na microrregião do Curimataú Paraibano possuíam diferenças morfológicas que demonstraram a possível influência genética de várias raças ou grupos genéticos distintos, na sua formação, ainda desconhecidos sob o ponto de vista da caracterização genética.

Observou-se que os suínos mais se assemelharam ao exterior das raças nacionais Canastra, Moura, Piau e Monteiro.

Os agrupamentos populacionais dos suínos locais se diferenciaram entre os municípios, indicando possíveis agrupamentos populacionais independentes, que só poderão ser identificados após uma seqüência de pesquisas de caracterização desses grupos, especialmente a genética. Se não houver essa seqüência rápida, provavelmente perder-se-á rapidamente o que poderia representar um novo grupo genético suíno, importante para a região.

CARACTERIZAÇÃO DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO DOS SUÍNOS LOCAIS

Foram caracterizados os sistemas de criação de suínos locais, tecnologias adotadas, assim como a sócioeconomia praticada na microrregião do Curimataú Paraibano.

Para o tamanho das propriedades com média de 7 ha/propriedade verificou-se que 16%, 22,3%, 7%, 4,6%, 2,3% e 0,5%, possuíam 0,03 a 1; 1,5 a 5; 5,5 a 10; 11 a 50; 50,5 a 85 e 368 hectares, respectivamente, indicando a existência de pequena propriedades rurais na atividade suinícola.

Do total de produtores estudados, 91,6% praticavam sistema extensivo com contenção; 5,1% semi-extensivo, e 3,3% criavam soltos.

Foi computado um total de 1.100 suínos, representando 74,7%, 14,5%, 7,9% e 2,9% dos criadores com um a cinco, seis a 10, 11 a 19 e, 22 a 71 suínos, respectivamente, com participação de 54,5% de mão-de-obra feminina.

Em relação ao tempo de permanência no setor/criação de suínos, 66,6% representou àqueles que criavam há mais de cinco anos, demonstrando que os produtores têm experiência nesta atividade na região do Curimataú Paraibano.

Sobre os manejos dispensados aos animais: 64,5% não praticavam o reprodutivo; a maioria utilizava resíduos da alimentação humana para fornecimento aos suínos; 15% afirmaram praticar manejo sanitário e, 98% não tratavam os efluentes e dejetos.

As instalações eram rústicas e improvisadas. Dos entrevistados, apenas 2,3% afirmaram ter assistência técnica.

Verificou-se a importância socioeconômica desta criação no potencial para geração de renda, pois 11,8%, 44,3%, 43,4% e 0,5% têm estes animais como primeira, segunda, terceira e única importância econômica, respectivamente. Além de servir como provimento de proteína animal, como uma cultura tradicional e preservação de recursos genéticos suínos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os suínos são animais criados como fonte de proteína animal e como uma forma de poupança, a ser utilizada em um determinado momento estratégico e como fonte de renda familiar. Apesar de sua criação e importância, pouco se conhece a respeito da caracterização dos sistemas de produção e tecnologias aplicadas pelas famílias produtoras que se encontram no Nordeste do Brasil. Portanto, é de suma importância o incentivo a realizações de ações e pesquisas voltadas para o conhecimento dos sistemas de produções suínicas praticados no interior do Nordeste brasileiro, carente dessas informações.

O Nordeste por suas características edafoclimáticas, não teria condições de competir em igualdade de condições com a suinocultura industrial, com as regiões produtoras de grãos. Porém, deve-se pensar na suinocultura nordestina como uma atividade diferenciada, em manejo, alimentação, instalações e qualidade dos produtos, oriundos de uma produção tradicional e com animais locais, de forma que seja adaptável e rentável dentro da realidade regional. É possível criar alternativas de exploração de suínos locais no Nordeste brasileiro, com pesquisa e desenvolvimento de tecnologias adequadas ao local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIPECS. Associação Brasileira Ind Prod Exp Carne Suína. Carne suína brasileira. 2007. <http://www.abipecs.org.br/> <Acesso em 07/11/2007>.
- ANUALPEC. 2001. Anuário da Pecuária Brasileira. Ed. Argos Comunicação. 359p.
- CARVALHO, J. H. de. 2000. Conservação de recursos genéticos de animais domésticos do Nordeste. In: CONGRESSO NORDESTINO DE PRODUÇÃO ANIMAL, 2. Teresina. Anais... Teresina: Sociedade Nordestina de Produção. Embrapa Meio-Norte, 20-23 nov., 2000. v. 1, p. 55-70.
- Delgado, J. V. A. 2005. Produção Animal Ecológica como Disciplina da Zootecnia. In: VI CURSO INTERNACIONAL SOBRE LA CONSERVACIÓN Y UTILIZACIÓN DE LAS RAZAS DE ANIMALES DOMÉSTICOS LOCALES EN SISTEMAS DE EXPLOTACIÓN TRADICIONALES. Septiembre/Octubre de 2005. CD-Rom.
- EMBRAPA Suínos e aves. 2006. Levantamento Sistemático da Produção e Abate de Suínos - LSPS (Metodologia Abipecs - Embrapa de Previsão e Acompanhamento da Suinocultura Brasileira). Disponível em: <http://www.cnpsa.embrapa.br/?ids=So6f90o4t> <Acesso 16/10/06>.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=pb> <Acesso em: 26 set. 2006>.
- _____, 2003. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/> <Acesso em: 25 jun. 2006>.
- Japiot, F. 1995. Diagnostic des systèmes de production et des systèmes d'élevage dans l'Agreste de la Paraíba, municipes de Solânea et Remígio, Etat de la Paraíba, Brésil. Montpellier - Recife, CNEARC, CIRAD-SAR, AS-PTA. 1995.
- Machado, L. C. P. 1967. Os suínos. A Granja. Porto Alegre, RS, 662p.
- Miele, M. e Machado, J. S. 2006. Levantamento Sistemático da Produção e Abate de Suínos – LSPS: Metodologia Abipecs-Embrapa de previsão e acompanhamento da suinocultura brasileira. ISSN 0101-6245. Documentos 104. Concórdia: Abipecs/Embrapa, 2006. 28p. Disponível em: <http://www.cnpsa.embrapa.br/?ids=So6f90o4t> <Acesso em 07/11/2007>.
- Rodrigues, A. M. 2003. O Selo Ecológico na União Européia. In: Anais VI - Palestras do ZOOTEC'Anais... Uberaba/MG, 2003.
- Sidershky, P. Sistematização do diagnóstico regional – Curimataú. 1ª parte. Documento decorrente do diagnóstico regional dos agroecossistemas da área de atuação do Polo Sindical da Borborema. Esperança/PB. Relatório ainda não publicado. s/d.